



REVISTA

PENSAR
Geografia



ISSN: 2527-0040

DOI: 10.26704/rpgeo

FALAS DA CIDADE AS MÚLTIPLAS FACETAS DO LUGAR: ESTUDO DE CASO SOBRE O BAIRRO DE CIDADE NOVA, NATAL-RN

Emilly Domingos da Silva¹; Eugênia Maria Dantas²

¹Graduanda em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Senador Salgado Filho, 3000, Natal-RN, e-mail: Emillydoomingos@gmail.com

²Professora Doutora Titular do departamento de Geografia/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Senador Salgado Filho, 3000, Natal-RN, e-mail: Eugeniadantas@yahoo.com.br

Artigo recebido em 18/11/2021 e aceito em 26/12/2021

RESUMO

A cidade é um quadro que representa o ontem e o hoje, é o caos não falado, tudo passa a se incorporar nas mensagens escritas da tessitura cidadina, entretendo neste local passa a se desenvolver de forma fragmentada, onde uma parcela passa a obter privilégios e outra parcela é mantida na escassez e miséria. Os temores, inseguranças, violência, medo e ameaça são protagonistas na construção do imaginário urbano, e a tessitura intraurbana de Natal-RN apresenta bairros que são verdadeiros fragmentos de exclusão, onde há presença de inúmeras mazelas sociais que assolam as vivências dos habitantes. Nesse contexto, o bairro de Cidade Nova, inserido na Zona Administrativa Oeste da Capital do RN, configura-se como um exemplo de como o fenômeno da violência e o medo do crime influenciam a reestruturação territorial do lugar. Objetiva-se evidenciar as falas da cidade verbais e não verbais, através da análise da morfologia paisagística urbana, e para alçar os objetivos privilegiou-se levantamento bibliográfico que resultou na sistematização de ideias referentes a autores como BAUMAN (2012), CARLOS (1997), TUAN (2009), idas ao campo com objetivo de capturar imagens que retratam as nuances das falas verbais e não verbais na morfologia do bairro. A análise acerca de uma temática tão delicada com o vivido territorial dispõe como um elemento fundamental, pois a partir do estudo territórios como Cidade Nova, pode-se alçar a compreensão das dinâmicas espaciais singulares que regem o cotidiano desses territórios, e assim fomentar políticas públicas eficientes para soldar as necessidades desses lugares.

Palavras-chave: Falas verbais e não verbais. Paisagens. Cidade Nova. Violência.

ABSTRACT

The city is a picture that represents yesterday and today, it is the unspoken chaos, everything becomes incorporated into the written messages of the city's tessitura, entertaining in this place starts to develop in a fragmented way, where a portion starts to obtain privileges and another portion is kept in scarcity and misery. Fears, insecurity, violence, fear and threats are protagonists in the construction of the urban imaginary, and the intra-urban texture of Natal-RN presents neighborhoods that are true fragments of exclusion, where there is the presence of innumerable social evils that devastate the experiences of the inhabitants. In this context, the district of Cidade Nova, inserted in the West Administrative Area of the Capital of RN, is configured as an example of how the phenomenon of violence and the fear of crime influence the territorial restructuring of the place. The objective is to evidence the verbal and non-verbal speeches of the city, through the analysis of the urban landscape morphology, and to reach the objectives it was privileged bibliographical survey that resulted in the systematization of ideas referring to authors such as BAUMAN (2012), CARLOS (1997), TUAN (2009), field trips in order to capture images that portray the nuances of verbal and non-verbal speeches in the neighborhood morphology. The analysis of such a delicate theme with territorial experience is a key element, because from the study of

territories like Cidade Nova, one can raise the understanding of unique spatial dynamics that govern the daily lives of these territories, and thus promote efficient public policies to meet the needs of these places.

Key words: Verbal and nonverbal speech. Landscapes. Cidade Nova. Violence.

1. Introdução

O espaço de um determinado grupo não é como um quadro que se podem escrever e apagar números e figuras. O espaço recebeu a marca do grupo, que são expressas na morfologia paisagística, e o grupo foi marcado pelas nuances de ambiência do lugar, segundo Halbwachs apud Besse (2014, p. 33). E todo esse complexo arranjo capturado como um quadro, ajuda-nos a romper determinados pensamentos reducionistas, afastando-nos de raciocínios como “post hoc ergo propter hoc”¹. A paisagem não se define apenas pelos contornos e cores que pode ser observado ela é um conjunto de sensações é movimento que se integram é passam a compor o quadro do lugar, desse modo, a paisagem é formada como totalidade advindo do seu devir histórico. É expressa através de sons, cheiros, volumes e indo além, essa é capaz de despertar sentimentos de pertencimento, memórias e vivências ao ser humano. Quantas vezes ao sentir determinado cheiro ou escutar determinado som nos transportamos á uma lembrança específica “do seu lugar” aquela paisagem nos afeta de modo irreparável é passa a interligar o ser humano com memórias afetivas, segundo Tuan (2012).

Nesse quadro, os sujeitos tornam-se agentes singulares, partes vivas desses lugares, guardando consigo as histórias não contadas, pautadas em suas vivências e experiências interpessoais e coletivas. Faz-se necessário apreender a fala da cidade, isto é, textos verbais e não verbais, que expõem a essência do lugar. Marcas, sinais, sons, pontos de referências desenham morfologias e fluxos, de pessoas e ideias, que gritam e evidenciam as singularidades dos lugares. Isso é a substância do lugar que carrega em sua essência a identidade, vivências, memórias. Desse modo, o cotidiano vivido revela o âmago da experiência espacial cidadina. Ler a cidade é adentrar nas mensagens desse lugar, pois a “cidade é mensagem à procura de significado que se atualiza em constante uso” (FERRARA, 1988, p.40) .

Segundo FERRARA (1988) as metamorfoses cidadinas são passíveis de identificação através da análise e descrição da percepção urbana, isso é, “enquanto modo de reter e gerar informações sobre a cidade. A percepção é informação” (FERRARA, 1988, p. 03). A capacidade de leitura dessas informações é em geral uma atividade árdua,

¹ Depois disso, logo por causa disso.

pois a obtenção de tais informações é feita através dos seres sensíveis, e as leituras muitas vezes desafiam o percepto cognitivo humano e estão sujeitos à subjetividades. Sendo assim a cidade é palco de um espetáculo que se renova e inova continuamente. Nesse contexto as falas da cidade, verbais e não verbais, são indispensáveis pois nutrem e mantêm a cidade como uma simbiose viva, uma imagem, um corpo em expansão e atualização.

O uso urbano passa a transfigurar à cidade em um palco de um show que é escrito e reescrito continuamente. Segundo Ferrara (1988. P. 45) “o uso e o modo de reconhecimento ambiental, e a lembrança que dele conserva é, antes de tudo, uma predicação do ambiente, tal que a relação que une o juízo perceptivo e o percepto”. Desse modo, pode-se afirmar que a cidade é um quadro que representa o ontem e o hoje, é o caos, tudo passa a se incorporar nas mensagens escritas e não escritas na tessitura cidadina. Esse discurso proferido pelo espaço urbano se mistifica na morfologia espacial

Nos últimos anos fenômenos como a violência e o medo do crime afloram de modo a liquefazer e modificar o espaço deixando marcas profundas, emergindo os moradores em sua trama do vivido, passando uma sensação de nova “normalidade”. A violência e o medo do crime encontram-se dispersos em nossas vidas, e tornam-se cada vez mais dissolvidos nas vivências passando a modificar a tessitura cidadina, enfatizando formas de segregação socioespacial já existentes e

recriando novas formas. Nas últimas décadas, as grandes cidades vêm sofrendo com a ameaça do caos, que constantemente afeta diferentes grupos sociais de formas distintas. A dinâmica a qual estão sujeitos os grandes centros urbanos, faz com que alguns grupos precariamente incluídos, utilizem a violência e o medo do crime como instrumento de poder, há uma crescente tendência a sentir medo e associado a isso uma compulsão pela segurança. Desse modo, objetiva-se evidenciar as falas da cidade verbais e não verbais, através da análise da morfologia paisagística urbana, e para isso elencou-se como objeto de pesquisa o bairro de Cidade Nova, inserido na Zona Administrativa Oeste de Natal-RN.

2. Material e métodos

Nessa direção, para alcançar o objetivo aqui proposto efetuou-se uma pesquisa essencialmente de gabinete associada a práxis. Onde efetuou-se levantamento bibliográfico que resultou na sistematização de ideias referentes a autores como Bessa (2014), Bauman (2012), Gomes (1989), Ferrara (1988). Foram feitas diversas explorações in locos no bairro de Cidade Nova, e para evidenciar as nuances da fala da cidade utilizou-se como recursos principal a fotografia, que permite-nos efetuar uma aproximação com o bairro através da visualização e identificação de nuances territoriais singulares, possibilitando a análise de um recorte paisagística. Vale ressaltar que

existe uma vinculação da pesquisadora com o bairro de Cidade Nova, pois como morador deste território há 22 anos, a trama do vivido afeta minha geo-história. E diante de tal quadro pauto-me em Nascimento (1914), quanto às questões de aproximação para com o objeto de estudo.

Nem está o autor deste interessado no exercício de qualquer tipo de ginástica teórica, imparcial e descomprometida. Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo ético-cultural a que pertencço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define. Situação que me envolve qual um cinturão histórico de onde não posso escapar conscientemente sem praticar a mentira, a traição, ou a distorção da minha personalidade (NASCIMENTO, 1914, P. 47).

Sendo assim, a pesquisa foi guiada pela influência fenomenológica que irradia pela percepção ao descrever o fenômeno da violência e do medo do crime, sem distanciamentos, porém com a objetividade/subjetividade requeridas por esse viés.

3. Resultados e discussão

A paisagem é tudo que a vista alcança? Sim e não! De lado temos o visto, dado pelos elementos materiais e concretos. De outro, a trama do vivido, sentido e percebido. No cotidiano, as memórias vão imprimindo as paisagens urbanas novos enquadramentos,

fazendo emergir outras configurações. Segundo Jean-Marc Besse (2014) a paisagem é objeto de estudos de diversos campos como a ecologia, geografia, filosofia, biologia. E cada um desses campos mobiliza tipologias referenciais e intelectuais diversas. Na tentativa de clarificar a variabilidade conceitual da paisagem Besse (2014) propõe a utilização de problemáticas paisagísticas que coexistem em cinco portas associadas que liga-se a concepção de quadros geográficos de Gomes, as nuances paisagísticas ganham novas dinâmicas e pulsações.

A paisagem é compreendida como representação cultural e social, um modo de vivenciar e perceber o entorno, por meio de análises e leituras antropogênicas. Desse modo ela não existe, sendo uma apreensão e interpretação do que o homem pensa e transmite. Essa é uma grade mental, segundo Besse (2014) é um véu mental produzido entre o sujeito e o mundo ao seu redor. Vale ressaltar que tal concepção de paisagem tem como base a teoria intelectualista da percepção, sendo plausível afirmar que há uma iconografia da paisagem. Transpassado há uma visão associada a modelos pictóricos, sendo essa a imagem artística fomentada por modelos de pintura, principalmente ligada ao movimento Renascentista. Sendo a paisagem um quadro, de onde observar-se o mundo, e em muitos casos passa a ser confundida com a totalidade. Tal concepção proposta por Besse (2014) se liga profundamente com as concepções de Quadros geográficos propostas por Gomes

(2017) sendo esses quadros uma “description raisonnée Hypotypose”, sendo essa fomentada por nuances descritivas pulsantes, vividas assemelhando-se a cartografia.

Por conseguinte, a paisagem pode ser vista de uma forma ampla como a representação cultural de subjetividades coletivas e/ou individual, sem desassociar-se do conceito estético, mas a paisagem passa a ser irrigada por nuances pulsantes que ressaltam seu valor histórico, memórias, vivências e resistências aos fatores de espaço-tempo. Sendo assim, pode-se colocar que a paisagem é inscrição humana à espera de leitura e interpretação, é conjunto de signos sobrepostos, nesse caso a hermenêutica mostra-se como um caminho para sua interpretação. A paisagem é produto da interação das diferentes tempos e culturas sendo constantemente re-construída, pois é associada à dimensão material e a técnica, e de acordo com seu ponto de observação (carro, trem, avião, em repouso) passa a ganhar novos modelos de interpretação e representação, uma herança da linguagem pictural e seu método de leitura e interpretação, remetendo-se a ideia de quadros.

Desse modo, a paisagem pode ser compreendida como um quadro produzido e praticado pela sociedade, carregando em sua epiderme marcas de eventos atemporais, políticos, econômicos e culturais, que está em constante (re)produção. Tendo seu valor atribuído a soma de relações e vivências que são grafadas na paisagem, sendo assim essa é

uma quadro em constante atualização, um espaço organizado e desenhado pelos homens e suas ações que passa a adquirir valores material e imaterial. Dardel (2011) no clássico “O homem e a terra” coloca que a paisagem não foi feita para ser olhada, mas sim a inserção do homem no mundo, lugar de manifestações e lutas pela vida. Sendo a morfologia da paisagem a verticalidade entre o homem e a superfície da terra, uma relação simbiótica pela qual o homem imprime formas ao seu meio natural. A paisagem nesse modo é uma associação de marcas e pegadas ganhando assim significação simbólicas e materiais, pois esse é o lugar de memórias, experiências e vivências.

Tuan (2005) aponta-nos, o medo não é uma emoção exclusivamente humana, todos os animais conhecem a emoção que emana do perigo, tal instinto se faz necessário para a sobrevivência. Bauman (2012) afirma que o que difere o medo dos humanos e dos animais, é que o ser humano tem a certeza, inevitável da morte, e tenta fomentar estratégias para proteger-se desse evento inevitável. A partir dessa perspectiva Tuan (2005) introduziu-nos uma nova perspectiva sobre a paisagem, e como fenômenos como medo passam afetar essas formas, transformando-as em *paisagens do medo*:

O medo existe na mente, mas, exceto nos casos patológicos, têm origem em circunstâncias externas que são realmente ameaçadoras. "Paisagem", como o termo tem sido usado desde o século XVII, é uma construção da mente, assim como uma entidade física mensurável. "Paisagens do

medo" diz respeito tanto aos estados psicológicos como ao meio ambiente real (Tuan 2005, p. 5).

Sendo assim, toda construção antropogênica é integrante da paisagem do medo, pois a paisagem do medo nasce das nossas incertezas, uma tentativa humana de controlar e classificar o caos. Tuan (2005) coloca-nos que anteriormente a paisagem do medo era representada por montanhas inabitadas, florestas escuras e seus habitantes sobrenaturais, a imensidão do oceano e seus monstros, ou seja, tudo aquilo que eram associadas às incertezas do homem tornava-se um componente da paisagem do medo. Já na contemporaneidade a paisagem do medo se transfigurou, nos grandes centros urbanos, essas paisagens passaram a ser representadas por ruas escuras, casas abandonadas, periferias e etc.

Segundo Tuan (2005) a paisagem do medo produz duas sensações irremediáveis: A primeira sensação é o medo da ruína do seu lugar no mundo, essa representa a integração literal com a morte, devido a aproximação com o caos; A segunda sensação, diz respeito a personificação paupério, a sensação de que a violência e forças hostis, deixaram de habitar o mundo das ideias e passaram a caminhar lado a lado com os homens e possuem vontades próprias.

Assim, encontramos-nos à margem de conceitos chaves propostos por TUAN (2015) a topofilia, que pode ser entendida como o elo afetivo entre a pessoa e o lugar e/ou ambiente

físico. A topofilia encontra-se difusa nas experiências do vivido e concreto se mistificando com as experiências pessoais dos indivíduos para com o lugar. Para compreendermos melhor a topofilia faz-se necessário debruçarmo-nos sobre o conceito de lugar, esse é compreendido segundo Souza (2013) como o espaço percebido e vivido, que carrega um significado, esses lugares são os receptáculos dos sentidos identitários humanos, que se concentram e são perpassados de geração a geração. Ou seja, o que liga as pessoas como os lugares são as dimensões culturais-simbólicas, que ocorrem por meio de questões identitárias e subjetividades das trocas que se dão por meio de eventos (e)materiais. Desse modo, pode-se entender a topofilia como o amor ao lugar, um laço afetivo que contorna e envolve o vivente com o ambiente.

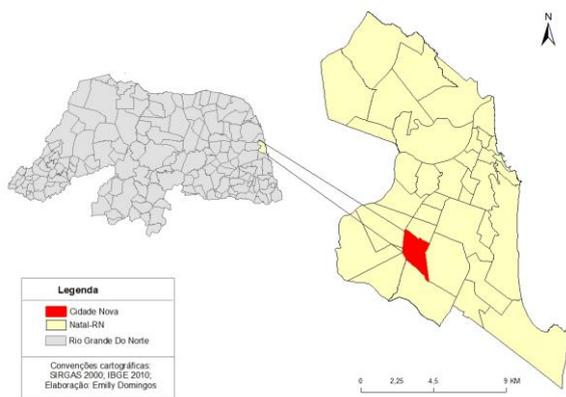
Em antônimo a topofilia existe a topofobia, que nada mais é que o medo e a aversão ao lugar. Atualmente tem-se a sensação de andarmos de mão dadas com a topofobia, não há lugar seguro o suficiente, todos representam a ameaça em potencial! Essa sensação de medo se espraia e passa a recriar e reconfigurar as nuances espaciais. Nessa perspectiva, segundo Souza (2013) o lugar está para a dimensão cultural-simbólica assim como o território está para a dimensão política.

3.1 Cidade Nova e o cotidiano de um quadro do vivido territorial

Segundo a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB, 2012) o bairro de Cidade Nova apresenta uma área de 262.12 ha, e 17.651 moradores (IBGE, 2010).

Figura 01: Localização de Cidade Nova

Fonte: AUTORAS (2021)



A ocupação das terras de Cidade Nova iniciou-se em meados da década de 1960, onde os primeiros moradores eram oriundos do interior Norte Riograndense. E como a fomentação do Loteamento Habitacional da Esperança, na década de 1960, mais pessoas foram atraídas para a região da Zona Oeste, em específico nas franjas do loteamento, devido a instalação de infraestruturas básicas como estradas e fontes hídricas. Entretanto, segundo a SEMURB (2012), a ocupação e povoamento efetiva do território de Cidade Nova, iniciou-se somente em 1971 com a instalação de um lixão na área, que ficou conhecido como Lixão de Cidade Nova, que atraiu indivíduos para trabalhar naquele local insalubre, nascendo a indústria do lixo em Cidade Nova.

As falas verbais e não verbais dos lugares, está intrinsecamente ligada à paisagem, pois essa é a produção e a reprodução do ontem e do hoje. Em especial optou-se por identificar as falas não verbais, em Cidade Nova que serão evidenciadas através das pichações que se espriam pela tessitura do bairro, e remetem-se a uma disputa de poder e dominância de determinadas facções criminosas. Tal nuance foi escolhida devido a seu alto grau de perceptibilidade, essas marcas destacam-se na paisagem sendo facilmente identificável, pois está diretamente ligada ao perceptivo e cognitivo humano. Vale ressaltar ainda que essas marcas não verbais, identificadas no bairro, evidenciam coerção, violência e medo do crime, pois transpassa as vontades e imposições de um grupo criminoso que age por meios de recursos violentos inserindo uma nova dinâmica ao cotidiano dos moradores de Cidade Nova.

Atualmente agentes do crime passaram a impor poder e influência nas vivências dos moradores, esses passaram a exercer pressões e evidenciam sua presença de forma constante para a população, seja por meio das pichações, que são um lembrete constante da dominância ou por meio de “leis”, que são espalhadas e expostas nos muros das esquinas, como uma ordem e forma de mostrar que existe um poder que controla aquele território e que impõe regras que devem ser respeitadas por todos. Essas falas espaciais não verbais, no bairro de Cidade Nova, serão demonstradas por meio das figuras 01, 02, 03 e 04 que ressaltam

processos regidos por agentes violentos que acabam por afetar o cotidiano dos moradores, e suas mensagens passam a ser difundidas na paisagem, as falas verbais e não verbais estampadas à morfologia de Cidade Nova passam a integrar o cotidiano dos moradores e impor determinadas “regras”.

Figura 02: uma memória constante de dominação



Fonte: AUTORAS (2021)

Figura 03: Jogo de poderes, demarcações territoriais



Fonte: AUTORAS (2021)

Figura 04: A ordem do Caos



Fonte: AUTORAS (2021)

Através da análise das figuras é possível constatar a existência de códigos espaciais, uma forma não verbal da “fala da cidade”. Esses códigos são expostos e impõe regramentos à população por meio de mensagens subliminares em que o sujeito da fala não aparece objetivamente. Ele existe, mas onde encontrá-lo? Como descrevê-lo e situá-lo geograficamente? Como uma lei, o seu enunciado torna-se forte o suficiente para encobrir.

Nas figuras 01 e 02, as inscrições têm como finalidade demarcar territorialmente o poder. As frases são insígnias para guiar os passos dos habitantes em suas trajetórias cotidianas. Uma mensagem não contextualizada que impõe força e poder territorial. Uma tentativa de demonstrar a existência de uma dominância territorial específica para outros grupos criminosos e para os moradores. Uma lembrança constante da presença desse poder transversal, que advém dos grupos criminosos, que passam a reger determinadas tessituras do bairro de Cidade Nova.

Figura 05: Uma nova lei: a ordem de um poder paralelo



Fonte: AUTORAS (2021)

Nas figuras 03 e 04 a codificação demonstra as leis desses poderes paralelos àquele território. A frase exposta na figura “ENTRA NA RUA DEVAGAR TEM CRIANÇA” ou “QUEM ROUBAR AQUI NO BAIRRO MORRE” é uma imposição para todos, tendo vínculo com uma organização criminosa ou não, pois essa é uma “ordem” e quem desobedecer terá que lidar com as consequências, e tal imposição de consequências claramente é passiva de interpretação por parte dos moradores, já que esses cotidianamente estão inseridos nessa trama locacional e compreendem as reverberações que podem ocorrer caso "transgredirem" determinadas “leis”.

A partir do que foi exposto pode-se observar as singularidades existentes na tessitura do bairro de Cidade Nova, de uma maneira mais nítida e latente, onde foi possível

identificar e interpretar de modo claro e explícito as chamadas falas da cidade.

Às falas da cidades aqui expostas advém de um poder transversal, entretanto tal transversalidade não anula as nuances dessa fala, na verdade a transversalidade ratifica o processo de expressão e amplificação, pois essas falas não aparecem de modo poético e romântico, como comumente são evidenciadas, amplificadas e compartilhadas, ou seja, comumente busca-se evidencia-se as falas da cidade através de elementos como sons, cheiros, cores, gostos, memórias, essas são abordagem romantizada com um viés utopista, são belíssimas ao serem retratadas e descritas no papel, mas em prática não são funcionais, pois na pós-modernidade, onde a liquidez reina, tais nuances são liquefeitas e suprimidas e são facilmente digeridas pelo caos urbano moderno onde tem-se em evidência unicamente a necessidade de imediatismo.

Na prática o eu lírico citadino pós-modernista é o caos coesão verbal e não verbal, pautando-se na diversidade e no uno, mas também a mão punitiva, pautada na negatividade, que enfatiza a coerção e punição de forma severa, caso as “leis” sejam desrespeitadas e o eu lírico citadino seja pego. Sendo assim a fala da cidade aqui exposta carrega em sua epiderme as nuances do vivido territorial, expressando os campos de batalha urbano fluidos e em constantes modificações, e tais eventos são expressos no corpo espacial urbano, onde as nuances do poder dominante –

mesmo que momentaneamente – busca evidenciar e demonstrar sua força e dominação sob uma determinada fração territorial.

E nesse contexto, os moradores são vítimas de afetações irremediáveis e deixam de se conectar com aquele que antes era seu lugar. Cidade Nova desde sua fomentação passa por inúmeras formas de supressão, entretanto, essa sempre foi vista como espaço da esperança, desde a chegada dos retirantes advindo do interior do Estado do RN em busca de novas oportunidades, até os dias atuais onde a maioria dos moradores acreditam que Cidade Nova é o seu lugar, e nutrem esperanças de que as coisas melhorem.

No hodierno a fala da cidade, são cada vez mais marcadas pela violência subjetiva, essa passou a ser uma constante, uma enfermidade que se encontra à espreita da mente humana, mesmo em dosagens homeopática, essa passa a afetar os sujeitos de modo irremediável, no quadro de Cidade Nova as falas da cidade passam a representar o perigo em potencial, a repressão e coerção e assim os indivíduos passam a alimentar o medo do crime e da violência. Nesse contexto a trama da violência passa a afetar o cotidiano dos indivíduos, não há mais lugares seguros, e os sujeitos passam a fomentar arranjos espaciais, como evitar determinadas ruas, abandonar costumes posteriores, como sentar a rua, na tentativa de conviver com seus medos, inseguranças e incertezas. Sendo assim, as subjetividades humanas passam a ser expostas, materializadas nos piores pesadelos dos indivíduos afetados

pela trama da violência e do medo do crime urbano.

4. Conclusão

A vida urbana contemporânea passou a está atrelada aos medos, habitamos um espaço que é cercado por perigos e ameaças em potencial. Passamos a travar grandes batalhas na busca por segurança, criamos assim um inimigo metafísico que é impossível de vencer, esse medo é potencial, anulador, criador de narrativas, de paisagens do medo, é o medo genuíno ou derivado. De qualquer forma, o medo passa a criar e recriar afetações como topofobia, mixofobia e tantas outras formas de expressões do medo que coexistem.

BAUMAN (2012 p. 33) afirma que “Os medos que disseminam são incuráveis e, na verdade, inextricáveis: chegaram para ficar – podem ser suspensos ou esquecidos (reprimidos) por algum tempo, mas não exorcizados.” Dessa maneira, não há uma cura paupérrima, ou fórmula milagrosa que haja de modo a reverter os medos, até porque esse é um sentimento inerente à vida humana. O medo passa a adentrar nossas vidas, nosso corpo e mente sem licença prévia, e passam a tecer sua existência em um infinito jogo de Poderes.

Diante desse quadro, as imagens retratadas nas figuras 02, 03, 04 e 05 retratam embates de poderes irrigadores por processos violentos, que culminam por afetar os moradores do bairro de Cidade Nova. Esses códigos espaciais que estão expressos a partir

da “fala da cidade” funcionam como uma marca, que estão crivados na epiderme territorial do bairro. Porém, vale ressaltar que essas marcas não significam que esse lugar é gerido por processos de violência, já que esse território é múltiplo e encontra-se em constante transformação.

Cidade Nova, como foi exposto, mostra-se como um local singular onde ocorre embate de poderes que culminam por afetar a composição da morfologia paisagística do bairro, e nesse quadro as subjetividades de determinados grupos passam a moldar a morfologia do bairro. Sendo assim a composição espacial do bairro é amplamente afetada por esses eventos que ocorrem em sua tessitura, afetos como a violência e medo do crime passam a reescrever as feições do bairro de acordo com os interesses de determinados poderes. Causando assim sentimentos como topofobia, lugares que passam a representar aversão e medo nos moradores. E processos que causam tais afetos foram aqui evidenciados através das falas da cidade.

Atualmente uma busca incessante por segurança potencializada pelos fenômenos da violência e do medo, tem-se a sensação de que não existe lugar seguro e que o mal está à espreita esperando para fazer mais uma vítima, esse medo se transfigura em um inimigo em potencial, a aversão do “diferente” surge e passa a nos seguir todo o tempo. Cidade Nova, apresentam singularidades, continuidades, rupturas, tramas de Poder, agentes violentos, medo do crime e outros fenômenos, que têm

como palco a tessitura espacial do bairro. Através da análise territorial do vivido foi possível compreender de forma clara a composição espacial de Cidade Nova, onde fenômenos como a violência e o medo passam a reestruturar as feições do bairro, e os moradores passam a articular estratégias para conviver com essa realidade, seja evitando determinados lugares, construindo muros mais altos, modificando velhos hábitos, como sentar-se a calçada a noite e conversas com a vizinhança.

Desse modo a leitura das “falas da cidade” tornar-se-ia um elemento fundamental para a compreensão da atual dinâmica espacial, que ocorre na tessitura de Cidade Nova. Pois segundo FERRARA (1988) a imagem do urbano está se metamorfoseando constantemente, e a leitura de tais falas da cidade envolvem uma complexa simbiose, perpassando desde a cidade cotidiana e sua significação, afetação, percepção e identidade para com o vivente. E nesse complexo quadro urbano o homem apreende a leitura de signos – como o aqui evidenciados – que passam a influenciar como os sujeitos lêem determinado território efetuando uma junção de elementos atemporais, o ontem e o hoje, se articulam para que ocorra a identificação, leitura e compreensão desses espaços.

5. REFERÊNCIAS

BESSA, J-M.. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem/ por J. M. Besse; tradução de

Annie Cambé. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. ZAHAR, 2012. 239 P.

CARLOS, A. F. A.. **A cidade** / Ana Alessandri Carlos. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 1997. P.98.

CORRÊA, R. L.. **O espaço urbano**. Editora África S.A – São Paulo. 1989, p.94.

Dardel, É. (2011). **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Editora Perspectiva

FERRARA, L.. d'A. **Ver a cidade: Cidade, imagem, leitura** / L. d'A. Ferreira – São Paulo: Nobel, 1988, P.80.

GÓES, R. M..**Imagem sócio-ambiental do bairro de Cidade Nova, Natal-RN, por seus**

moradores / R. M. Góes. – 2011. Tese (Mestrado em Psicologia) - UFRN, 2011, 155. Disponível em : <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17506>.

GOMES, P. C. C.. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

NASCIMENTO, A.. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016. 2aed.

SOUZA, M. L.. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial** / Marcelo Lopes de Souza – 2013. 1 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TUAN, Y.. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** / Y. Tuan; Tradução: L. Oliveira - Londrina: Eduel, 2015.